

Sobre a comunicação e seus desafios eclesiológicos

Marcio Henrique S. Ribeiro ¹

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre as exigências e as condições de possibilidade da comunicação da fé. O tema escolhido se relaciona com a proposta do teólogo Joseph Moingt de fazer uma abordagem da questão da fé em Deus hoje: a partir de um “crepúsculo” ou um “luto” de Deus no Ocidente, se constata uma aparição desse Deus sob outra forma e configuração, um “nascimento” ou “aparição” de Deus no pensamento e discurso teológicos atuais. Tendo como chave de leitura a comunicação, nossa intenção é refletir sobre uma pneumatologia comunicacional com repercussões eclesiológicas.

Palavras-chave: Comunicação. Trindade. Igreja. Leigos. Joseph Moingt

INTRODUÇÃO

O século XXI é visto como um século do religioso; mais precisamente, um século do espiritual, cuja compreensão se caracteriza principalmente pelo modo de estar no mundo, de compreender a realidade e de se compreender nela. Essa compreensão é marcada por suas vertentes subjetivas, como a sede de transcendência, a insatisfação com o real, a experiência paradoxal de ausência – presença do divino, reflexos de um contexto não mais identificado com as certezas estáveis e seguras, tanto afirmativas (do crente) quanto negativas (do descrente). Estamos diante de uma “certeza incerta”, diante da qual o discurso da fé é mais complexo e exigente. Comunicar Deus hoje é, portanto, um desafio. Sempre o foi, mas hoje temos uma consciência mais aguda desse fato.

Esse contexto traz para a reflexão teológica e a prática eclesial preocupadas com a comunicação da fé uma dupla responsabilidade: a fidelidade à Palavra de Deus e a coerência com a realidade. Em outras palavras, uma responsabilidade diante da alteridade como chave fundamental para a prática eclesial e a teologia. Não é uma alteridade como realidade totalmente extrínseca, pois como estamos mergulhados no jogo das relações, a alteridade possui uma dimensão intrínseca. Também não se trata de uma negação da subjetividade alheia, pois essa alteridade intrínseca se refere à alteridade trinitária de Deus, fundamento e possibilidade da comunicação de nosso ser, de nosso existir com o Outro e com os outros.

Diante desse cenário teológico e eclesial, procuramos estabelecer um diálogo com a reflexão do teólogo Joseph Moingt sobre a questão da fé em Deus hoje. Sua abordagem parte da existência de um “crepúsculo” ou um “luto” de Deus no Ocidente, a partir do qual se constata uma aparição de Deus sob outra forma e configuração, um “nascimento” ou “aparição”

1 Doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral na PUC Rio. Contato: mhribeiro@uol.com.br

de Deus no pensamento e discurso teológicos atuais. Neste artigo, vamos destacar alguns elementos dessa proposta de abordagem tendo como chave de leitura a comunicação: uma pneumatologia comunicacional, que engloba a imagem trinitária de Deus em sua relação com o ser humano na revelação, criação, salvação.

A nomeação do Espírito como o Paráclito revela a opção de Moingt em sublinhar sua missão: o Espírito, a comunicação por antonomásia, é comunicado por Jesus aos discípulos. Desse modo, a Igreja é portadora da missão de comunicação da revelação ao mundo. Contudo, como salienta o autor, “como fazer a comunicação entre a Igreja e o mundo para que a mensagem da salvação atinja os homens, através de todas as fronteiras, na mesma linguagem com a qual se interrogam sobre sua comum identidade humana?” (MOINGT, 2012, p. 9). Se essa comunicação está defeituosa, um estado de não comunicação, pela posição da Igreja, para se recuperar a comunicação, é preciso que a Igreja passe pelo mesmo processo pelo qual passou Deus pela modernidade.

O texto se desenvolverá inicialmente a visão de Moingt sobre a comunicação, sua estrutura e sua importância antropológica; em seguida, veremos como a imagem de Deus Trindade se relaciona com a comunicação e como esta se dá na revelação, criação, salvação; por fim, como a comunicação defeituosa que afeta a Igreja, afeta a comunicação do Evangelho e a ação dos leigos como agentes da comunicação.

1 A COMUNICAÇÃO, SUA ESTRUTURA E SUA IMPORTÂNCIA ANTROPOLÓGICA

Para Moingt, a base da comunicação está na palavra, entendida como um bem comum humano recíproco. Como tal, ela emana, na unidade de um *sujeito encarnado*, simultaneamente do eu e do outro, identificada com ambos e mesclada com suas percepções sensoriais, cujas significações das coisas percebidas são incorporadas (espírito e corpo) pelos sujeitos e decifradas no acordo entre ambos. Disso decorre que a palavra embasa a comunicação pela linguagem, entendida, por sua vez, como a troca que o eu e o outro estabelecem na historicidade de seus corpos. Podemos perceber nessa visão de uma linguagem intersubjetiva uma perspectiva da comunicação interativa (cf. MARCONDES, 2017, p. 14).

Essa troca existencial cria e propicia um nós, um “entre-dois, um si comum no qual o corpo de cada um projeta aquilo que ele tira e transforma do ser do mundo para aí existir de outra maneira, como ser outro-ser” (MOINGT, 2012, p. 516). Palavra, linguagem, troca existencial estruturam a comunicação e lhe dão a forma de uma atitude ativa de escuta e de resposta, em um movimento no qual um se deixa interpelar pela palavra do outro e experimentar, empaticamente, suas incertezas, dúvidas, angústias e sofrimentos. Comunicação que também implica o testemunho de vida na troca de experiências, de tarefas, de afrontamento dos eventos históricos (MOINGT, 2012, p. 305).

A comunicação configura antropológica, existencial e subjetivamente o ser humano. Nesse sentido, a comunicação encontra seu correlato na relação, de tal modo que esta é condição para uma verdadeira comunicação, ou seja, quando acontece uma efetiva interação

entre as pessoas (SCAPINII; IVANIA JANN, 2019), pois uma pessoa é pessoa na relação, da qual e na qual recebe a humanidade mediada na linguagem, em uma comunicação “no tempo do intercâmbio das palavras: a existência humana é tempo e linguagem, ela é um porque é a outra” (MOINGT, 2012, p. 527).

Esta é a base antropológica da comunicação que acompanha e configura a humanidade em tempos e lugares diversos, constituindo, assim, uma história comum e universal humana. Não que seja uma história única, mas um vínculo na pluralidade de histórias pessoais e comunitárias em uma humanidade histórica, trans-histórica e meta-histórica.

Mas a preocupação de Moingt não se resume à estrutura linguística e à importância filosófica e antropológica da comunicação. Decerto, ela supõe a importante dimensão daquilo que é mais caro para a Modernidade, ou seja, a subjetividade, o ser humano como sujeito livre, autônomo e responsável, representação do despertar da subjetividade extrema (MENDOZA-ÁVAREZ, 2010, p. 334). Contudo, isso não é teologicamente suficiente dentro da reflexão do autor sobre a comunicação.

É nessa base antropológica que o cristão se insere como sujeito, como seguidor de Jesus e como recebedor de uma missão que deve ser realizada na abertura e no diálogo com o mundo. Nesse sentido, podemos ver que essa fundamentação antropológica é condição para o cumprimento da missão da Igreja, missão de comunicar o Evangelho, que requer, segundo Moingt (2012, p. 305), algumas atitudes implicadas no exercício da comunicação evangélica.

Primeiramente, é necessário estar voltados em direção a Cristo: conhecer o Evangelho que deseja transmitir, para ser capaz de testemunhar o pensamento de Jesus e retirar lições de vida concretas das páginas do Evangelho. Em segundo lugar, estar voltado para o outro: manter-se em diálogo com os outros para que o Cristo permaneça em nosso meio e para que o seu espírito venha clarificar as questões que temos para colocar. Por fim, estar voltado em direção ao exterior: voltar-se para fora, manter-se ligado ao mundo que o rodeia, comunicar-se com o mundo e transmitir a mensagem salvífica.

Esse horizonte comunicacional tripartite configura a missão comunicativa da Igreja, que não é outra senão a missão do Espírito, comunicada ao Filho pelo Pai, comunicada por Jesus aos discípulos. Em sua missão, o Filho continuamente estava voltado para o Pai, na comunicação amorosa trinitária; também estava voltado para seus discípulos, na comunicação de seus ensinamentos; voltado também para tantas pessoas, com quem se comunicava pela proximidade, identificação e compaixão curativa. A comunicação, portanto, extrapola a imanência humana e se eleva à relação entre as divinas Pessoas, voltadas contínua e comunicativamente umas às outras. Eis as bases para a compreensão da comunicação humana como reflexo da comunicação trinitária.

2 DEUS TRINDADE, IMANÊNCIA E ECONOMIA COMUNICATIVAS

Seguindo a intuição rahneriana da identidade entre imanência e economia, nosso autor afirma que a Trindade “se constitui eternamente em si mesma em vista de se comunicar às criaturas” (MOINGT, 2012, p. 106). Podemos dizer que para Moingt a comunicação é como que uma propriedade da Trindade; seja em sua imanência, dado que em vista dela a Trindade “se constitui eternamente”, seja em sua economia, pois ao se “comunicar às criaturas” a Trindade abre espaço para que a humanidade tenha acesso à sua presença viva e vivificante.

Moingt apresenta, então, um “*modelo trinitário*” que, como veremos mais adiante, será o modelo para a Igreja comunicar a fé e testemunhar a presença e a comunicação de Deus ao mundo. Sem ignorar a importância da imanência das três Pessoas (a unicidade de Deus ou a unidade da Trindade em uma única substância), o autor dá enfoque à necessidade de apresentar (e representar) a comunicação trinitária presente na dinâmica de missão-envio como uma ordem de comunicação.

O envio do Filho que ocorreu na “plenitude dos tempos” (Gl 4,4) e que permanece para sempre, (...) na pulsão de amor que, no mesmo momento em que coloca o Filho diante do Pai com sua imagem perfeita, o afasta dele para que seja o Primogênito de uma multidão dos filhos, unidos entre si pelo mesmo Espírito de amor que faz o Pai se comunicar com o Filho (MOINGT, 2012, p. 361).

A unidade comunicacional da Trindade é exteriorizada na dinâmica de sua comunicação com a humanidade. Autocomunicação seria como que um termo chave do modelo trinitário proposto por Moingt, que se utiliza de uma novidade terminológica – a comunicação – para a colocar em uma linha de continuidade semântica daquilo que a linguagem teológica trinitária nomeia, tradicionalmente, como “circumincessão trinitária” e sua dinâmica de missão-envio (MOINGT, 2012, p. 361). Certamente o autor não pretende criar uma nomenclatura nova; possivelmente, quer utilizar uma terminologia antropológica para expressar uma formulação teológica, cuja preocupação seria mais econômica que imanente, motivada por um problema que nos afeta profundamente.

Ao usar o termo comunicação para se referir às relações trinitárias, Moingt deseja resgatar o valor e a importância de uma propriedade da comunicação humana, aquilo que está no âmago de seu significado e de seu papel no processo de humanização: tornar algo comum, de um para outro, na relação, na interação de ideias, de sentimentos, de desejos e de tudo o que nos personifica. A comunicação entre as Pessoas divinas está presente, como na lógica da comunicação vista acima, na partilha e na relação com a humanidade, pois o que se comunica é “o mistério que é sua vida íntima” como “princípio da paz e da unidade do gênero humano, sua salvação” (MOINGT, 2012, p. 463).

Da comunicação, emerge um “novo conceito de Deus” como resposta à “cultura da morte de Deus”, consequência do declínio, ou seja, da falha de comunicação do cristianismo

com a modernidade. Esse novo conceito de Deus é marcado por uma comunicação kenótica, ou seja, “um Deus que se despojou de sua onipotência sobre a Cruz de Cristo” (MOINGT, 2012, p. 275), uma intuição apropriada, principalmente diante da crítica atual a uma imagem violenta de Deus. A realidade histórica da cruz, como revelação do Deus de Jesus e de sua divindade no “paradoxo da cruz”, configura a fé cristã e se apresenta como crítica de uma visão religiosa de uma divindade violenta. O Deus que nos é comunicado por Jesus não pode ser associado à violência, pois sua proposta de radicalidade da cruz nos revela sua solidariedade com as vítimas da violência ao longo da história (MOLTMANN, 2011, p. 45).

Para Moingt, esse conceito cristão de Deus, e o modo como Ele se revela, é fundamental para a compreensão da salvação cristã, que consiste em participar da vida trinitária, ou seja, na comunhão de vida pelo dom mútuo das Pessoas divinas umas às outras, pela qual a Trindade entra em comunhão com o ser humano. Comunhão de vida que espera do ser humano, como resposta, que ele aprenda a viver em comunhão, a comunhão comunicada no Evangelho, que por sua vez é comunicação do convite de Deus para que as pessoas se comuniquem fraternalmente entre si e com os outros seres da casa comum, pelo dom do Espírito Santo (MOINGT, 2012, p. 463). Há, portanto, um indissolúvel liame entre a salvação cristã como comunicação da e na revelação trinitária.

3 REVELAÇÃO, CRIAÇÃO, SALVAÇÃO COMO COMUNICAÇÃO

Partindo do pressuposto lógico e teológico de que a comunicação divina é iniciativa de Deus, Moingt relaciona em vários momentos a Revelação como comunicação.

Desde o princípio fica claro que a revelação, realizada em e por Jesus no Espírito, é autocomunicação de Deus, comunicação de sua presença Salvadora ao mundo (MOINGT, 2012, p. 105). Superando uma ideia de “enunciação de verdades a ser conhecidas”, ela é a automanifestação de Deus, pois

Jesus não revelou nada além do próprio Deus, no sentido de que ele deixou Deus se revelar diretamente em sua pessoa e em tudo aquilo que lhe acontecia; Deus comunicou a si mesmo, como fonte de verdade, de vida e de amor, no silêncio da pessoa e do evento Jesus, em virtude da imanência recíproca entre o pai e o filho (MOINGT, 2012, p. 181).

A revelação como comunicação de Deus implica uma dimensão de narrativa histórica, dado que ela acontece em uma relação com o tempo no qual se dá o evento da encarnação, pelo qual o Cristo nos comunica sua identidade e nos consente a participação em sua própria vida, repleta do Espírito de adoção filial, na intimidade do Pai. Desse modo, a revelação nos comunica Deus e seu projeto não como algo extrínseco ao ser humano.

Coerente com as características da comunicação como relação, a revelação divina, para Moingt, “fala também do homem e de tudo o que lhe diz respeito, ela lhe desvela quem ele é,

ela se mostra interessada em seu devir no mundo e no tempo” (MOINGT, 2012, p. 166). Essa perspectiva toca o cerne da comunicação da fé na ação salvífica de Deus, ou seja, como falar de salvação – como comunicar a salvação – se esta consistir em uma realidade para além da experiência humana? A revelação não nos faz passar do ser-no-mundo a um mundo superior que nenhuma relação tem com nosso universo de experiências (GRESHACKE, 2001, p. 49).

É nesse sentido que podemos perceber a lógica da revelação (assim como a lógica sacramental) na dimensão da história da salvação, abrangendo criação e encarnação salvífica. Moingt não separa a morte e a ressurreição da vida de Jesus, de sua encarnação; morte e ressurreição encontram seu sentido e significado na relação com a vida de Jesus, em suas opções e posições diante de Deus e da humanidade. Isso tem relação com a ideia de encarnação redentora; redenção que se refere à totalidade do evento Cristo (MOINGT, 2012, p. 166) que se torna presente e atuante no tempo na ação sacramental da Igreja. Voltando ao ponto central da reflexão de Moingt, a revelação do Deus Trindade comunicada no evento Cristo, precisa estar sempre *presente* no tempo. Para tanto, é

Necessário que ela permaneça para sempre *representada* pelo estar-junto e o ser-no-mundo dos cristãos, de tal maneira que o amor do Pai pelo Filho, que é o Espírito unificador do corpo de Cristo, passe da Igreja ao mundo como atestado daquilo que aconteceu uma vez, uma vez por todas (MOINGT, 2012, p. 361).

Cabe à Igreja o testemunho ao mundo da Presença comunicativa da Trindade que nos habita. Todavia haveria aí um problema de comunicação.

4 IGREJA E A COMUNICAÇÃO DEFEITUOSA

A leitura das missões trinitárias e dos conceitos de revelação e salvação vistos em chave de comunicação – levando em conta sua visão antropológica – encontra uma antítese na situação descrita por Moingt sobre a relação da Igreja com o mundo: a postura voluntarista da Igreja ao abordar a sociedade na posição de poder causa um estado de não comunicação ou de comunicação defeituosa que acaba por desviar a Igreja da sociedade e impede que esta receba sua mensagem. Disso decorre um problema maior: a comunicação defeituosa acaba por velar a revelação de Deus e, conseqüentemente, sua comunicação com a humanidade (MOINGT, 2012, p. 278s).

A solução proposta por Moingt implica que a Igreja experimente e se submeta ao mesmo movimento dialético ocorrido com a imagem de Deus na sociedade moderna: assim como a cultura da morte de Deus provocou o (re) nascimento ou a revelação de um novo conceito de Deus, ou seja, “um Deus que se despojou de sua onipotência sobre a cruz de Jesus” (MOINGT, 2012, p. 275), o declínio do cristianismo deve provocar o despojamento por parte da Igreja (sua morte) de seu poder para que ela possa experimentar um novo nascimento, um novo modo de presença no mundo.

Esse novo nascimento de uma Igreja servidora, em conformidade com a cruz de Cristo, é condição para o surgimento de uma verdadeira comunicação do nascimento do Deus escondido pela falta de comunicação da Igreja (MOINGT, 2012, p. 276). Esse processo pode ser resumido em quatro afirmações sobre o futuro da Igreja no mundo contemporâneo:

- *A Igreja vive uma situação de morte* – o diagnóstico da sociologia religiosa mostra o fim da Igreja da cristandade, de uma instituição poderosa e englobante, diante da secularização;
- *que deve ser aceita como tal* – não sua extinção, mas o despojamento e a conversão da Igreja na participação da morte de Cristo;
- *mas que dissimula um mal mais profundo a ser extirpado* – o desejo de poder, objeto de despojamento, é a causa desse estado de não comunicação ou de comunicação defeituosa da mensagem;
- *estado que se tornará promessa de uma nova vida* – um novo tipo de existência e de relação da Igreja com o mundo, consequência de sua identificação com o Cristo e de sua resposta ao Espírito (MOINGT, 2012, p. 278).

Aprofundado mais ainda a origem do problema, Moingt afirma que essa falta de comunicação da Igreja com o mundo é consequência da falta de comunicação na Igreja: a falha na comunicação *ad extra* é reflexo da falha de comunicação *ad intra*, pois há um *ponto de ruptura* entre o ministério sacerdotal e o sacerdócio comum dos fiéis (MOINGT, 2012, p. 329). Em outras palavras, há uma crise no cristianismo, interna e externamente: ruptura entre o ministério sacerdotal e o sacerdócio comum dos fiéis; ruptura entre o cristianismo e a sociedade ocidental dos tempos modernos.

Toda essa situação de crise relacional exige, em suma, uma comunicação efetiva e frutífera na Igreja e entre a Igreja e o mundo sob a forma de diálogo e aceitação; uma comunicação atenta à diversidade e ao pluralismo, acolhedora das diferenças e das mudanças, pois

O futuro da Igreja *no tempo deste mundo* dependerá da relação com o *mundo deste tempo*. Caracterizaremos essa relação, enquanto missiônica, por uma tríplice mudança do *olhar* que ela tem sobre o mundo, da *linguagem* que ela tem para ele e de sua *atitude* para com ele, mudança que é para ela condição e promessa de um novo nascimento (MOINGT, 2012, p. 451).

Certamente a diversidade e o pluralismo se apresentam como um desafio para a fé e para a teologia. Provocam um crer e um teologar como um olhar, um falar e um agir na leveza e na disponibilidade do Espírito, tendo em vista o respeito próprio e alheio e o reconhecimento de nossos condicionamentos. Desafio constante de abertura às questões que se apresentam e de investigação e busca de respostas por vias mais coerentes de posicionamentos epistêmicos, éticos e estéticos que possibilitem o diálogo em suas divergências e convergências, aberto

à alteridade e inclusão, empoderando as diferenças (RIBEIRO, 2017, p. 241). Nesse sentido, a resposta da fé e da Teologia passa pela afirmação e aceitação responsáveis do pluralismo e de seus critérios com relação a uma fé e teologia que se pretendem públicas, tendo em conta um duplo reconhecimento: da realidade do pluralismo e de sua importância para a teologia.

É nesse sentido que, para Moingt, a mudança de *olhar* e de *linguagem* da Igreja exige ser completada coerentemente por uma mudança de *atitude*, para se comunicar efetivamente com o mundo: suprimir a oposição, a distância, a dualidade correntemente implicadas na expressão “Igreja e mundo” (MOINGT, 2012, p. 457), supressão condicionada à reconstrução da Igreja na base.

A Igreja na base, a base da Igreja – e aqui poderíamos discutir o sentido de base, primeiramente, não como fundamento, pois este seria o próprio Cristo, mas supor como a realidade que dá sustentação história e social à Igreja – é formada pelos leigos e leigas, sujeitos dessa mudança eclesial para restabelecer a comunicação do Evangelho interna e externamente, por meio da comunicação dos cristãos entre si e destes com seu ambiente (MOINGT, 2012, p. 330).

5 LEIGOS COMO AGENTES DA COMUNICAÇÃO

Para Moingt, o cristão de base é um “sujeito ético”, isto é: “a pessoa humana, chamada ao seio da relação Eu-Tu, a se afirmar como sujeito amante em face de Deus e diante do próximo, chamada a crescer na medida do Eu divino pressentindo em cada um daqueles que ela interpela como um Tu (MOINGT, 2012, p. 151).

Sujeito que, ao atingir a maturidade de fé é capaz de julgar e de se posicionar diante da lei religiosa sob a qual se coloca, fato que evidencia sua cidadania cristã, em uma dupla implicação: é um cristão capaz de comunicar a sua fé e, justamente por isso, torna possível a comunicação do Evangelho ao mundo pelos cristãos de “base” (MOINGT, 2012, p. 336).

Essa cidadania cristã encontra sua fundamentação teológica, mais precisamente pneumatológica, no fato e na dinâmica da missão do Espírito comunicado à Igreja e comunicante na Igreja: “O Pai o deu e o Filho o enviou a toda a Igreja, tomada globalmente, e ele se comunica desde então a partir de sua própria iniciativa a cada crente que encontra no corpo de Cristo. Assim, suprime na raiz toda desigualdade no que diz respeito ao dom de Deus” (MOINGT, 2012, p. 112).

Todos os cristãos cooperam para a edificação da unidade porque todos estão qualificados a participar da busca, em virtude do que o Vaticano II chama, em consonância com a tradição, de *senso da fé* ou *dos fiéis*, que é o desejo e o julgamento, a compreensão e a orientação, a propensão ao consentimento que o Espírito de verdade, por sua habitação em nós, dá a nosso espírito para conhecer a verdade da fé e a ela aquiescer quando é buscada nas disposições requeridas. Não se

trata de uma inclinação cega à obediência da fé, mas do acordo preestabelecido pelo Espírito Santo para criar um mesmo espírito entre todos os membros do mesmo corpo, justamente para que eles formem um só corpo pela circulação entre eles de um mesmo desejo, por sua aspiração comum à verdade, por sua conspiração em um mesmo prejulgamento da fé, pela predisposição para se esclarecer mutuamente a luz que o Espírito dispensa a cada um segundo o lugar ou a função que ele ocupa nesse corpo (1 Cor 12) (MOINGT, 2012, p. 354).

A reflexão de Moingt sobre os leigos e as leigas não se limite à questão de identidade ou de cidadania cristã. O fundamental de sua reflexão sobre essa identidade é a sua participação, como sujeitos éticos, no fato e na dinâmica da missão, como visto acima. Sua originalidade pode ser evidenciada naquilo que, segundo o autor, compete aos cristãos de base: serem protagonistas da solução para a crise comunicacional da qual a Igreja padece. Tal solução passa, necessariamente, segundo Moingt, pela relação da Igreja com os fiéis leigos, pela comunicação daquela com estes, pelo reconhecimento de seu protagonismo na comunicação e no testemunho do Evangelho no mundo.

Para tornar-se verdadeiramente uma *Igreja do testemunho* lhe seria necessário se reestruturar dentro dela mesma a partir do laicato que se mantém mais imediatamente em comunicação com esse mundo ao qual ela [a Igreja] não sabe mais falar. (...) o Vaticano II colocou as bases de uma “teologia da comunicação”, e os fiéis leigos são convidados, também eles, a colaborar com essa tarefa em virtude do seu *sensus fidei*. (MOINGT, 2012, p. 292).

Podemos inferir que a preocupação do autor não se resume à comunicação extra eclesial, ou seja, a relação da Igreja com o mundo. O ponto fundamental de seu diagnóstico é que a dupla crise comunicacional que afeta a Igreja não são realidade separadas; são duas faces da mesma moeda. Mais ainda, as mudanças nas relações eclesiais externas dependem de uma comunicação e organização internas descentralizadoras e libertadoras, com novos posicionamentos e ajustes mútuos entre ministros e fiéis. O caminho para a Igreja renascer como um Caminho, acesso para o encontro com o Cristo, passa pelo seu desapego ao poder. Ela deve se voltar para Jesus, se identificar com o Cristo crucificado e, conseqüentemente, como sinal da salvação, se comprometer com a história humana, experimentar a encarnação e a paixão, para então ressuscitar.

O câmbio de uma imagem individualista e solitária de Deus para a (verdadeira) imagem do Deus da vida, relacional-comunitário está na recuperação da Trindade, não apenas com relação à imanência de Deus, mas à manifestação econômica – a comunicação – de seu amor salvífico. Recuperar a Trindade como relação na comunicação amorosa em si e para nós. E aqui entra novamente a perspectiva de uma gramática trinitária mais condizente com essa proposta: Amor, Solidariedade, Gratuitude, Comunidade (MARDONES, 2207, p. 197),

assim como *compartilhar*, *comungar* e *comunidade*, termos que gravitam em sentidos comuns (FERNÁNDEZ-MONTES, 2000, p. 119)

Mas para assim acontecer de fato, é fundamental o reconhecimento, a valorização e a promoção da autonomia, da cidadania, da maturidade dos leigos e seu papel na comunicação eclesial, interna e externa. Essa é a condição para que a comunicação passe novamente da Igreja ao mundo.

CONCLUSÃO

Moingt nos apresenta uma reflexão teológica ao mesmo tempo erudita e prática. Sua teologia, feita com seriedade intelectual e epistemológica, fundamentada na Tradição e em teólogos de peso, que em nada fica a dever aos grandes nomes da área, é um exemplo de método e de investigação teológica. É também exemplo de uma teologia comprometida com a práxis cristã e a comunicação da fé, que parte das demandas históricas, situadas logicamente em seu contexto europeu, mas que tocam a relação e a comunicação da Igreja com o mundo, e que resvalam na imagem do próprio Deus em sua relação conosco.

O autor nos chama a atenção para a necessidade de a Igreja Católica iniciar de dentro um processo de diálogo e de troca, de mudança de estruturas para aceitar e instituir o pluralismo interno como condição para o pluralismo externo, de mudanças de estruturas na autoridade para superar o autoritarismo piramidal e a hipertrofia do poder, o que implica debater diversos elementos da estrutura eclesial, em favor da colegialidade, da sinodalidade, da descentralização e de maior abertura. Tarefa hercúlea, mas não impossível. São mudanças que desde o Vaticano II já podem ser vislumbradas em posicionamentos e textos oficiais que mostram uma face da Igreja voltada para o outro, em uma abertura comunicacional com a humanidade.

O exemplo da Carta Encíclica *Pacem in Terris*, na qual o papa Paulo VI se dirige a todas as pessoas de boa vontade, documento que promove uma ampliação considerável, quantitativa e qualitativamente, de seus interlocutores, o que já demonstra uma visão e uma atitude mais positivas e dialogais da parte do Magistério para com a sociedade, pontualmente por sua recepção do paradigma dos Direitos Humanos.

Do mesmo modo, a Carta Encíclica *Laudato Si'*, na qual o Papa Francisco revela a mudança considerável no modo como a Igreja se relaciona e se comunica com a sociedade, com toda as pessoas, os habitantes da casa comum, uma valorização de toda a criação. Exemplo de uma Igreja em saída que se coloca ao lado da humanidade, como sua parceira, mobilizadora de um amplo debate sobre um problema central da contemporaneidade, para o qual todos são convocados a se posicionar: a violência avassaladora de uma crise socioambiental generalizada que atinge toda a criação, da qual os mais pobres são as principais vítimas.

REFERÊNCIAS

- GRESHAKE, Gisbert. *El Dios uno y trino: una teología de la Trinidad*. Traducción de Roberto Heraldo Bernet. Barcelona: Herder, 2001.
- MARCONDES, Danilo. *As armadilhas da linguagem: significado e ação para além do discurso*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- MARDONES, José María. *Matar a nuestros dioses: un Dios para un creyente adulto*. 2ª ed., Madrid: Editorial PPC, 2007.
- MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. *El Dios escondido de la posmodernidad: deseo, memoria e imaginación escatológica: ensayo de teología fundamental posmoderna*. Prefacio de Rosino Gibellini. México: Sistema Universitario Jesuita: Fidei comiso Fernando Bustos Barrena sj, 2010.
- MOINGT, Joseph. *Deus vem ao homem: da aparição ao nascimento*. Vol. II - Nascimento. Tradução Walter Ferreira Sales. São Paulo: Loyola, 2012.
- MOLTMANN, Jürgen. *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Tradução de Juliano Borges de Melo. Santo André, SP: Academia Cristã, 2011.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. O princípio pluralista: bases teóricas, conceituais e possibilidades de aplicação. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano XXV, nº 90, pp.234-257, jul-dez., 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i90.35979>. Acesso em 12 out. 2021.
- SCAPINII, Amanda I. Nórdio; IVANIA JANN, Luna I. Mudanças na comunicação ao longo da terapia de abordagem sistêmica: um estudo de caso. *Est. Inter. Psicol.*, Londrina, v. 10,n. 2,p. 210-225,ago.2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11dez. 2021.
- FERNÁNDEZ-MONTES, Jesús. *Comunicação*. In: MORENO VILLA, Mariano (Dir). *Dicionário de pensamento contemporâneo*. Revisão Honório Dalbosco e equipe; tradução coordenada por Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2000, pp. 119-121.